

# O SUBFALAR BAIANO: UMA ANÁLISE DAS ISOGLOSSAS EM GOIÁS

Geruza de Souza Graebin

## Resumo:

As pesquisas dialetológicas conduzidas por Nascentes apontaram que parte do estado de Goiás deveria pertencer ao subfalar baiano, enquanto outra ao subfalar paulista. Uma investigação dos fatores sócio-históricos que influenciaram a constituição da população goiana, em 2008, corroborou a pesquisa de Nascentes. O território referente ao subfalar baiano, no entanto, tem passado por diversas transformações desde a mudança da capital federal para o Planalto Central, em 1960. Uma nova configuração política, social e linguística tem tomado forma. Assim, embora os falantes de Formosa/GO realizem o abaixamento das vogais pretônicas *e* e *o* em palavras como *telefone* e *totalmente*, aproximando-se, portanto, de Salvador, os falantes do Distrito Federal preferem a variante média-fechada. As escolhas linguísticas dos brasilienses podem afetar o entorno, pela força política, econômica e cultural que a capital exerce, levando as antigas cidades goianas a sofrerem mudanças linguísticas significativas.

Palavras-chave: Dialetologia; Sociolinguística; vogais médias; mudanças sonoras; pretônicas.

## 1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é abordar, de maneira panorâmica, a história a respeito da fala dos moradores do Planalto Central, local onde atualmente está situada a capital federal. Constituída por antigas cidades goianas, esta região do país ainda carece de um estudo linguístico mais aprofundado. Apresentamos, aqui, alguns resultados e descobertas obtidos durante o período do mestrado, quando realizamos uma pesquisa sociolinguística na cidade de Formosa, Estado de Goiás (2008).

## 2 A RESPEITO DO PASSADO

A transferência da capital do país para o centro do território brasileiro foi a realização de um projeto muito antigo. O primeiro voto a favor do Planalto Central advém do Visconde de Porto Seguro, o Sr. Franciso Adolfo Vanhargen. Após uma viagem feita em 1877 – ainda durante o Período Imperial, portanto – ele relata:

Na vasta extensão que acabo de percorrer, há porém outra região não menos apropriada ao oferecer localidades favoráveis ao primeiro estabelecimento de colonos europeus, e a respeito da qual julgo que deveríamos desde já dar algumas providências, a fim de a ir preparando para a missão que a Providência parece ter lhe reservado, fazendo a um

tempo dela partir águas para os três rios maiores do Brasil e da América do Sul, Amazonas, Prata e S.Francisco, e constituindo-a, por assim dizer, o núcleo que reúne entre si as três grandes concas ou bacias fluviais do Império. Refiro-me à bela região situada no triângulo formado pelas três lagoas Formosa, Feia e Mestre d'Armas, com chapadões elevados mais de mil e cem metros" (Brasil, Presidência, Serviço de Documentação, 1960:167-68).

Para o Visconde de Porto Seguro, a região descrita era estratégica e central não apenas do ponto de vista geográfico e político, mas também pela forte simbologia proveniente da reunião de três importantes nascentes fluviais: a da bacia amazônica, a da bacia platina e a da bacia do rio São Francisco.

A demarcação da área do Distrito Federal se deu somente depois que a missão Cruls, constituída em 1892, visitou o local (cf. Brasil, Presidência, Serviço de Documentação, 1960: 64-73). Assim, três municípios goianos cederam parte de seus territórios para que a concretização da construção da nova capital se tornasse possível: Formosa, Luziânia e Planaltina (cf. Chauvet, 2005: 305).

É importante destacar, porém, que a ocupação dessas terras foi bem anterior à visita do Sr. Adolfo Vanhargen e que não ocorreu apenas por bandeirantes em busca de ouro. Para os historiadores Chauvet (2005: 116) e Bertran (1994: 58), o Estado de Goiás recebeu habitantes provenientes de três caminhos distintos: (i) por meio das entradas Sul-Norte, pelas quais vieram portugueses e espanhóis em busca de ouro e mão-de-obra indígena; (ii) pelas rotas Norte-Sul, de onde chegaram nordestinos, franceses e portugueses à procura de ouro; e (iii) pelas entradas Leste-Oeste, que trouxeram portugueses e baianos em busca de terras para o gado.

Segundo Bertran (1994: 58), a ocupação da região norte de Goiás se deu entre os anos 1600 e 1725 pelas entradas Leste-Oeste, diferentemente da ocupação da região sul de Goiás, que foi predominantemente dominada por migrantes das entradas Sul-Norte. Tais diferenças na origem e nas intenções dos migrantes acarretaram uma divisão sócio-econômica no Estado de Goiás. Essa divisão é atestada por Jurandyr Pires Ferreira, diretor do IBGE em 1958 – concomitante à época da construção de Brasília<sup>1</sup>:

Goiás, como irão apreciar, divide-se nitidamente em dois tipos de civilização. Aquela que se desenvolve ao sul recebendo o influxo do Triângulo Mineiro e a influência paulista, e o norte, cujas dificuldades de comunicação têm criado uma formação econômica isolada e em grande parte marginal. Na transição das duas zonas se sente uma espécie de barreira política onde se entrelaçam mentalidades diversas, formações éticas diferentes

---

<sup>1</sup> Vale lembrar que, nesta data, o Estado de Tocantins ainda não havia sido criado e, portanto, Goiás era territorialmente muito extenso.

e até mesmo conceitos de vida diferenciados (Enciclopédia dos municípios brasileiros, 1958: 5, 7).

No entanto, as diferentes influências ajudaram a compor, também, as variedades lingüísticas do Estado. O trabalho do dialetólogo Antenor Nascentes demonstra esse fato. A figura 1, a seguir, reproduz as isoglossas traçadas pelo pesquisador após sua viagem pelo Brasil, publicadas pela primeira vez em *O linguajar carioca*, edição de 1922.

**Figura 1: Isoglossas do Português Brasileiro segundo Nascentes (1953: 18)**



Para a constituição das isoglossas, Nascentes (1960: 40) tomou basicamente dois aspectos do Português Brasileiro como critério de classificação: a pronúncia das vogais e a entoação. Dois aspectos se destacam no subfalar denominado *baiano*: (i) as linhas que demarcam os limites estaduais de Goiás e Minas Gerais não coincidem com os limites das isoglossas; ou seja, esses Estados ficaram divididos linguisticamente; e (ii) o Distrito Federal (DF) está incluído neste subfalar.

Assim, o subfalar baiano, definido pelo autor (1953: 25, 26) como um falar “intermediário entre os dois grupos [norte e sul], abrangendo Sergipe, Baía, Minas (Norte, Nordeste e Noroeste), Goiás (parte que vem da nascente do Paranaíba, seguindo pelas serras dos Javais, dos Xavantes, do Fanha e do Pilar até a cidade de Pilar, rio das Almas, Pirenópolis, Santa Luzia e Arrepellidos)”, caracteriza-se pelo abaixamento das vogais médias /e/ e /o/ em posição pretônica, como em *sèreno*, *vèranico*, *mèlado*, *mòrmaço*, *còração* (cf. Ribeiro et al., 1977).

Nascentes tinha como objetivo a formação de um atlas linguístico da língua portuguesa no Brasil. Um grande empreendimento que não conseguiu alcançar. Definiu, porém, as cidades-ponto a serem pesquisadas, como pode ser visto em *Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil*, publicado em 1958. A pesquisa de Nascentes foi retomada em 1996 pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB (cf. Cristianini & Encarnação, 2006), que vem realizando as entrevistas nas cidades predeterminadas para publicar os atlas linguísticos dos Estados brasileiros ainda não estudados. Uma das cidades selecionadas por Nascentes e que permaneceram na relação do ALiB foi Formosa, localizada no nordeste do Estado de Goiás e que faz divisa com o DF.

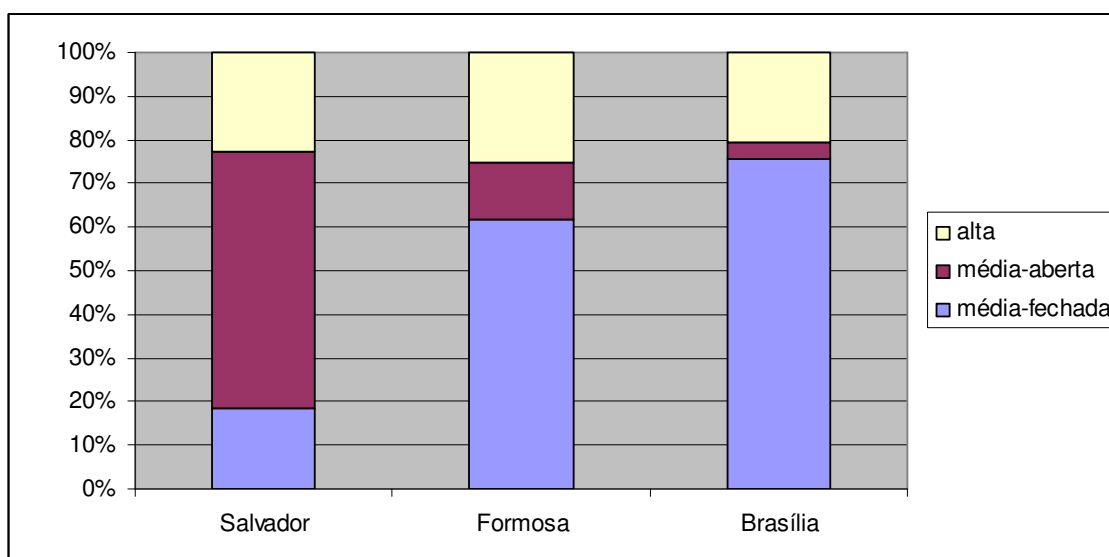
Os Estados de Minas Gerais (Ribeiro et al., 1977), Bahia (Rossi, 1963) e Sergipe (Ferreira, 1987) já possuem os seus atlas lingüísticos. Em Goiás, no entanto, as entrevistas ainda estão em andamento. Esse fato dificulta a caracterização da fala goiana. Por outro lado, os atlas linguísticos correspondentes ao subfalar baiano publicados até agora têm corroborado as isoglossas traçadas por Nascentes, o que indica que, muito provavelmente, elas devem coincidir também com as variedades pertencentes a Goiás.

### 3 A SITUAÇÃO SOCIOLINGÜÍSTICA ATUAL

Com a fundação de Brasília, um intenso contato cultural e lingüístico foi desencadeado na região nordeste de Goiás. Pessoas de todas as regiões do país afluíram ao centro do Brasil para compor a população brasiliense. Duas realidades sociais, então, passaram a conviver lado a lado: a tipicamente rural, representada pelas antigas cidades goianas, e a tipicamente urbana, representada pelo novo estilo de vida de Brasília. Essas duas realidades sociais - a de o isolamento e a de contato – são diametralmente opostas. O isolamento, segundo Silva Neto (1963: 209, 210), provoca o “máximo de estabilidade e o mínimo de mudança social”, enquanto a “sociedade urbana caracteriza-se por uma intensidade de vida capaz de produzir mudanças constantes”.

No Distrito Federal, especialmente na região conhecida como Plano Piloto, a situação de contato provocou o desenvolvimento de uma nova variedade lingüística, caracterizada pela neutralidade decorrente da rejeição de traços marcados (cf. Hanna, 1986; Bortoni et al., 1991). A rejeição de traços marcados inclui o fenômeno de abaixamento das vogais médias, típico do subfalar baiano. O gráfico a seguir demonstra esse fato. Nele constam os percentuais de variação da pronúncia das vogais /e/ e /o/ em posição pretônica para a fala de Salvador (Silva, 1989), Formosa (Graebin, 2008) e Brasília (Corrêa, 1998).

**Figura 2: Percentual de variação das vogais médias pretônicas na fala de Salvador, Formosa e Brasília**



As pesquisas consideradas levaram em conta três variantes: (i) a alta, na qual as vogais /e/ e /o/ sofrem elevação, sendo pronunciadas [i] e [u], como em *milhor*, *português*; (ii) a

média-aberta, na qual as pretônicas sofrem abaixamento, passando a ser pronunciadas [ẽ] e [ɐ̃], como em *mèlhor, pòrtuguês*; e (iii) a variante média-fechada, em que as vogais /e/ e /o/ não têm sua pronúncia alterada – *melhor, português*.

É possível verificar, por meio dos resultados visualizados no gráfico, que as três cidades pesquisadas apresentam índices muito próximos no que diz respeito à variante alta, ficando todas em torno de 25%. Esses números confirmam a elevação como um fenômeno supradialetal, isto é, ele está presente em todo o território brasileiro. Já a pronúncia média-aberta apresenta o índice mais alto na fala de Salvador – 60%. Em Formosa, a média-aberta alcança 13% dos dados e em Brasília, 3,5%. Esse resultado mostra que os falantes brasilienses têm rejeitado essa pronúncia, influenciados, muito provavelmente, pelo fato de ela ser estigmatizada (cf. Leite & Callou, 2004). A variante média-fechada, por sua vez, apresenta um movimento contrário ao da variante média-aberta. Enquanto em Salvador esta é a pronúncia menos selecionada pelos falantes, com 18%, em Brasília é a preferida, chegando a 75% dos dados.

É importante ressaltar que esta é uma comparação limitada, já que os critérios de cada pesquisa diferem um pouco quanto à seleção dos dados. Silva (1989) considerou apenas os contextos silábicos do tipo CV, ou seja, palavras iniciadas com a vogal pretônica, como em *educação, horrível*, e com travamento em nasal, como em *comportamento, entrada*, não fizeram parte do *corpus*. Corrêa (1998) incluiu os dados em que as pretônicas apareciam no início da palavra ou travadas com nasal. Já Graebin (2008), examinou todos os contextos de ocorrência possíveis das vogais pretônicas na língua portuguesa, tais como CVC (*mentira, costume, português*), CCV (*entrevista, problema*), VC (*estado, orquestra*), V# (*educação, horrível*), CV (*melhor, totalmente*). Além disso, cada pesquisador obtém uma relação diferente de itens lexicais categóricos, isto é, produzidos sempre com a mesma variante. Estes itens geralmente são excluídos das rodadas que calculam os pesos relativos em um trabalho de linha Variacionista (cf. Guy & Zilles, 2007: 36).

Apesar disso, os percentuais demonstrados no gráfico possibilitam a percepção das tendências de cada variedade linguística. Os baianos apresentam o resultado esperado, enquadrando-se nas características do subfalar baiano. Os moradores de Formosa/GO, situada no nordeste do Estado, fazem uso do abaixamento, mas em grau bem menor que o de Salvador. O comportamento dos brasilienses chama a atenção quando se leva em conta que a porcentagem de nordestinos que migrou para a capital federal é elevada. De acordo com a Pesquisa Distrital por Amostras de Domicílios - PDAD, conduzida pela SEPLAN/CODEPLAN em 2004, 42% dos chefes de domicílios do DF são provenientes da

região Nordeste. Mesmo com uma grande quantidade de nordestinos e situada em uma região em que as ocorrências de abaixamento são freqüentes, Brasília tem dado preferência a uma nova variedade linguística, mudando, assim, a configuração das isoglossas estabelecidas por Nascentes.

#### **4 ALGUMAS REFLEXÕES ACERCA DO FUTURO**

A situação de contato linguístico intenso, promovida pela mudança da capital federal, somada ao contraste rural *vs.* urbano, pode desencadear dois tipos de reações na região: ou ocorrerá a assimilação das características urbanas de cultura e língua por parte dos moradores do entorno do DF, ou haverá uma resistência à mudança, por meio de acentuação de marcas linguísticas próprias da região.

Os estudos sociolinguísticos têm observado que, de uma maneira geral, em comunidades de fala socialmente estratificadas, é a classe socioeconômica média que determina ou não o avanço de uma mudança lingüística (cf. Labov, 1972: 244, 45). Na pesquisa realizada em Formosa/GO (Graebin, 2008), observou-se que os informantes pertencentes à classe média foram os que apresentaram o maior índice de realização da variante média-aberta, enquanto informantes da classe alta selecionaram mais a variante alta. Tal resultado pode ser o indicador de que a comunidade de fala formosense tem desenvolvido uma atitude positiva em relação à própria língua e cultura, numa tentativa de bloquear as influências da capital, algo semelhante ao que Labov verificou na pesquisa com moradores da ilha Martha's Vineyard (1972).

Apenas uma monitoração constante via pesquisas linguísticas poderá apontar os rumos da fala do entorno do DF, região representada no mapa abaixo.

**Figura 3: Região do Entorno do Distrito Federal**



Fonte: [www.portalseplin.seplan.go.gov.br](http://www.portalseplin.seplan.go.gov.br)

Dessas 19 cidades, as mais próximas mantêm um contato intenso com a capital. Muitas dependem economicamente de Brasília. O acompanhamento do contato lingüístico poderá indicar se o entorno continuará sendo conservador ou se deixar-se-á influenciar pela fala brasiliense. O mesmo pode ser dito a respeito do comportamento dos moradores do DF. São necessárias pesquisas para verificar se a fala da capital irá se aproximar da variedade lingüística utilizada pela região ou se de fato assumirá uma identidade própria, formando novas isoglossas.

É plausível considerar a hipótese de que a variedade brasiliense seja associada ao poder e ao *status* da capital federal e, por conta disso, se torne mais influenciadora do que influenciável. Um dos argumentos utilizados por Silva Neto (1963: 186), por exemplo, para atribuir à fala carioca o título de representante da pronúncia brasileira era o de pureza, por sintetizar todas as falas do país:

a pronúncia carioca é uma síntese oriunda das colaborações de todos os brasileiros que afluem para a grande cidade. Com efeito, o último recenseamento revelava que na



população do Rio somente pouco mais de 50% são cariocas natos; a fração restante distribui-se por brasileiros dos Estados, sobretudo pernambucanos, baianos e alagoanos. Não estranha, pois, que essa pronúncia tenda a difundir-se por todo o Brasil.

O curioso é que, atualmente, as mesmas palavras de Silva Neto têm sido usadas na descrição da fala brasiliense: uma síntese oriunda das colaborações de todos os brasileiros que afluem para a grande cidade. É verdade que o eixo Rio-São Paulo ainda permanece o grande centro cultural e econômico brasileiro, como observa Nascentes (1965: 39): “Embora tendo deixado de ser a capital oficial do país, o Rio de Janeiro continua sendo a capital cultural”. Mas o *status* de capital oficial do país agora pertence à Brasília, e esse fato não pode ser ignorado.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A identificação e a descrição das características peculiares à fala do nordeste goiano, tão pouco estudada, é premente. Primeiro porque nesta região estão situadas cidades com uma história e uma cultura muito ricas, nas quais se encontram, ainda, modos de falar que ficaram por muito tempo guardados, em virtude do isolamento da parte central do país. Em segundo lugar porque, com a instauração de um novo estilo de vida, trazido pela transferência da capital federal do Rio de Janeiro para Brasília, novas isoglossas, sem dúvida, tomarão forma.

Concordamos com Weinreich; Labov; Herzog (2006:126) quando afirmam que “a generalização da mudança linguística através da estrutura lingüística não é uniforme nem instantânea; ela envolve a co-variação de mudanças associadas durante substanciais períodos de tempo, e está refletida na difusão de isoglossas por áreas do espaço geográfico”. Ao mesmo tempo, verificamos, como Bortoni, Gomes e Malvar (1992:11), que o movimento linguístico do DF é diferente do observado em outros lugares: “a situação de contato de dialetos regionais e sociais do Distrito Federal difere da situação de contato encontrada em outros centros metropolitanos no Brasil, porque em Brasília não existe um substrato predominante”.

Atualmente, o DF e entorno são um verdadeiro laboratório linguístico, no qual diversas experiências têm ocorrido ao mesmo tempo, promovendo cruzamentos entre falares rurais e urbanos, bem como entre dialetos de classes sociais e de regiões distintas. Essa situação peculiar não permite aos linguistas, portanto, prever que rumos a fala da região tomará nem quanto tempo as possíveis mudanças levarão para acontecer.

## 6 REFERÊNCIAS

- BERTRAN, Paulo. *História da terra e do homem no planalto central: Eco-historia do distrito federal: do indígena ao colonizador*. Brasília: Solo, 1994.
- BORTONI, S. et alii. Um estudo preliminar do /e/ pretônico. *Caderno de Estudos Lingüísticos*. Campinas, (20), jan-jun 1991, p.75-90.
- BORTONI, S.; GOMES, C.; MALVAR, E. A variação das vogais médias pretônicas no português de Brasília: um fenômeno neogramático ou de difusão lexical? *Revista de Estudos Lingüísticos*. Belo Horizonte, ano 1, v.1, p.9-29, jul-dez 1992.
- BRASIL. PRESIDÊNCIA. SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO. Antecedentes históricos: 1549-1896. v.1. Rio de Janeiro: 1960.
- CHAUVET, Gustavo. *Brasília e Formosa: 4.500 anos de história*. Goiânia: Kelps, 2005.
- CORRÊA, Cintia da Costa. *Focalização dialetal em Brasília: em estudo das vogais pretônicas e do /s/ pós-vocálico*. Brasília, 1998. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília.
- CRISTIANINI, Adriana Cristina; ENCARNAÇÃO, Márcia Regina. De Antenor Nascentes ao Projeto Atlas Lingüístico do Brasil – AliB: conquistas da Geolingüística no Brasil. *Revista Letra Magna – Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura*, ano 3, n.5, 2. semestre de 2006.
- FERREIRA, Carlota da Silveira. *Atlas lingüístico de Sergipe*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1987.
- Formosa. In: FERREIRA, Jurandyr Pires (Planej. e Orient.) *Enciclopédia dos municípios brasileiros*. XXXVI vol. Rio de Janeiro: IBGE, 1958.
- GRAEBIN, Geruza de Souza. *A fala de Formosa/GO: a pronúncia das vogais médias pretônicas*. Brasília, 2008. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília.
- GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana. *Sociolingüística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.
- LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. *Como falam os brasileiros*. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Português brasileiro: raízes e trajetórias. *Ciência hoje – conquista e colonização*, vol 15, no. 86, 1992. p.76-81.
- NASCENTES, Antenor. *O idioma nacional*. 5.ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1965.

\_\_\_\_\_. *O linguajar carioca*. 2.ed. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

\_\_\_\_\_. *Bases para a elaboração do atlas lingüístico do Brasil*. Rio de Janeiro: MEC, 1958.

Projeto ALiB - Atlas lingüístico do Brasil. Disponível em: [www.alib.ufba.br](http://www.alib.ufba.br).

RIBEIRO, José et alii. *Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais*. vol.1. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1977.

ROSSI, Nelson. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: INL, 1963.

SILVA, Myriam Barbosa da. *As pretônicas no falar baiano: a variedade culta de Salvador*. Rio de Janeiro, 1989. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 2.ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963.

WEINREICH, U; LABOV, W; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. (Trad. Marcos Bagno). São Paulo: Parábola Editorial, 2006.